

INTERNACIONAL

23 MAR 1990

Brady inclui Brasil na redução de dívida

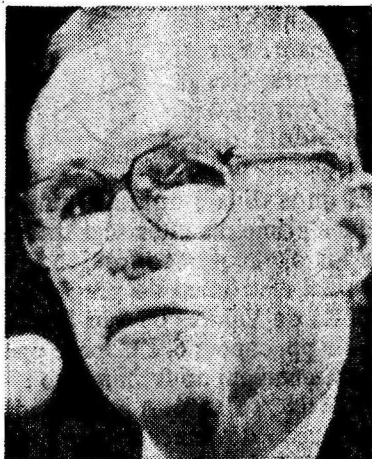
ESTADO DE SÃO PAULO

Secretário do Tesouro quer mais US\$ 1,73 bilhão para ampliar o acesso do 3º Mundo

MOISÉS RABINOVICI
Correspondente

WASHINGTON — O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, admitiu a possibilidade de o Brasil renegociar sua dívida externa segundo o modelo já adotado por países como o México, a Venezuela e as Filipinas, ou seja, com mecanismos de redução do valor nominal dos débitos vencidos. Brady — que ontem prestou um depoimento ao subcomitê de Operações Internacionais do Senado norte-americano — advertiu, no entanto, que estas gigantescas operações de renegociação das dívidas do Terceiro Mundo só terão chances de acontecer se os EUA aprovarem recursos adicionais às agências multilaterais de crédito como o FMI, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. “O Congresso precisa liberar a contribuição de US\$ 1,73 bilhão a estes organismos internacionais de crédito”, defendeu Brady.

Num esclarecimento aos senadores que vêm com ceticismo novas operações de ajuda financeira a países latino-americanos (o presidente do subcomitê, senador Patrick Leahy chegou a afirmar que as economias da Argentina e do Brasil eram um desastre), Brady afirmou que nenhum dos recentes acordos da dívida externa teriam sido assinados sem os vigorosos aportes fornecidos pelo FMI e pelo Bird. “No caso do México”, afirmou o secretário, “o FMI entrou com US\$ 1,7 bilhão e o Bird com US\$ 2,06 bilhões, nas negociações das



Associated Press

Brady: questão de liderança

Filipinas, os dois organismos tiveram de dispor de US\$ 270 milhões”, acrescentou.

Brady acha que o desembolso de novos recursos às agências multilaterais e a defesa do aumento de seu capital — que o governo de George Bush defende em 50% enquanto outros países membros querem que chegue até em 100% — é o único caminho para os EUA manterem sua liderança internacional e, ao mesmo tempo, ajudarem mais países do Terceiro Mundo a resolverem a questão da dívida externa. O secretário americano, além do Brasil, citou outros países como Marrocos, Nigéria, Equador e Uruguai como possíveis candidatos à estratégia que leva seu nome e que, há alguns dias, completou seu primeiro aniversário.

Os debates de ontem também abordaram a criação do Banco de Desenvolvimento do Leste Europeu — de reconstrução das economias socialistas recentemente democratizadas —, e Brady, também neste caso, defendeu a concessão de créditos norte-americanos. “Deles depende nossa habilidade de exercer a liderança internacional”, afirmou o secretário.